

PROCURA-SE UMA CIDADE

CONCEIÇÃO FREITAS

Onde está a cidade inventada que eu inventei de gostar? Cruzo caminhos, estico o pescoço, viro de ponta cabeça, procuro por ela. Casou e mudou, me dizem alguns. Saiu pra comprar cigarro, me dizem outros. Foi decretada em extinção, fico sabendo por terceiros. Digam o que disserem, continuo a procurá-la por detrás dos outdoors, das obras invasivas, dos prédios de mau gosto, da gana das empresas construtoras, da conivência e omissão do governo, e a cada nova tentativa fica mais difícil reencontrar a cidade perdida.

Se alguém viu a cidade sonhada por aí, por favor, mande notícias, tire um retrato, pinte um quadro, faça um documentário, monte uma exposição ou, pelo menos, mande um e-mail daqueles de gavetinha que a gente abre e fica esperando aparecer a imagem (é bom ter paciência, porque essas gavetinhas são preguiçosas ou, quem sabe, por vaidade, gostam de ficar bastante tempo na tela do computador).

Não vale mandar notícias sobre o céu. Por mais gigante, onipotente e onipresente que seja, por mais perto de nós que ele esteja, ele não é a cidade. Lhe digo que até o céu anda esquisito, escondendo suas bordas que dantes se exibiam aos quatro cantos do horizonte. Era um céu de 360 graus, de rodopiar feito criança brincando de gira-gira até cair de tonta, céu que foi obrigado a ceder seu lugar para monstrenhos construídos pela má-fé dos homens.

Desconfio que a cidade desenhada em papel-manteiga foi soterrada por uma horda de invasores vindos do reino do eu quero o meu, o que vai sobrar pra mim, essa terra é de ninguém, é agora ou nunca. Os invasores foram chegando aos poucos para jogar areia no sonho dos outros. Jogaram um pouquinho, ninguém reagiu. Mais um pouquinho e ficou por isso mesmo. Agora, fazem coisas como plantar outdoors horrendos no horizonte que leva ao Congresso Nacional e fica por isso mesmo.

A cidade encantada nasceu do punho de um só homem, essa história eu não me canso de contar (nem de ouvir), a cidade nascida de um solitário sabedor. Um cidadão discreto, que sabia muito da arte de construir casas e cidades. Como a cabeça era pouca para tanta sapiência, o homem armazenava sabedoria em caixas e prateleiras do apartamento onde morava. Havia livros, revistas, jornais, recortes, canetinhas e papéis por todos os cantos da casa do homem sabido. Havia também uma coleção de soldadinhos de chumbo, brincadeira do tempo de criança. E o homem nadando no oceano da sua conhecença, pensando nas dificuldades do país onde morava, na tradição de suas casas coloniais de grandes telhados e varandas acolhedoras e no que esse país podia oferecer a uma certa arquitetura que queria se livrar dos rococós, dos borogodós e das bugigangas para ser tão somente um lugar bonito e prático de morar.

Tanto pensou nessa conjunção de coisas que do lápis saiu uma cidade inteira. Em menos de quatro anos, a cidade saiu do papel-manteiga e ganhou a fortaleza do concreto e a vivacidade das grandes áreas livres.

A cidade sonhada está se perdendo na barafunda das ambições, dos desmazelos, das omissões e do tráfico de influência. Haveremos de reencontrá-la? (Ia pôr um ponto no lugar da interrogação, mas meu pessimismo ganhou o jogo).